



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

HEVELYNE DE MELO MENEZES

**DANÇA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
a composição coreográfica em foco**

CAMPINA GRANDE/PB

2013

HEVELYNE DE MELO MENEZES

**DANÇA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
a composição coreográfica em foco**

Trabalho de Conclusão de Curso –
TCC (Artigo) apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba
em cumprimento à exigência para a
obtenção do grau de **Licenciatura
Plena em Educação Física**, na
Universidade Estadual da Paraíba-
UEPB.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elaine
Melo de Brito Costa

CAMPINA GRANDE/PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

M543d

Menezes, Hevelyne de Melo.

Dança e extensão universitária [manuscrito] : a composição coreográfica em foco / Hevelyne de Melo Menezes. – 2013.

19 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2013.

“Orientação: Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa, Departamento de Educação Física”.

1. Dança. 2. Extensão universitária. 3. Atuação profissional. I. Título.

21. ed. CDD 793.3

HEVELYNE DE MELO MENEZES

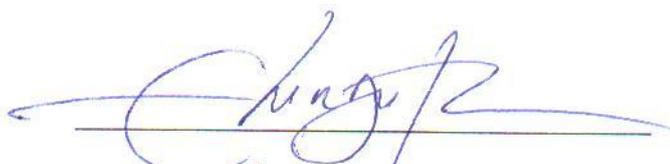
DANÇA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
A COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA EM FOCO

*Trabalho de Conclusão de Curso –
TCC (Artigo) apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba
em cumprimento à exigência para
a obtenção do grau de Licenciatura
Plena em Educação Física, na
Universidade Estadual da Paraíba-
UEPB.*

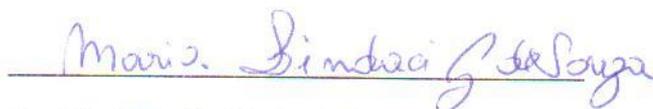
Aprovado em 21/10/2013.



Prof^aDr^a Elaine Melo de Brito Costa
Departamento de Educação Física/UEPB
Orientadora



Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas
Departamento de Educação Física/UEPB
Examinador



Prof^aDr^a Maria Lindaci Gomes de Souza
Departamento de História/UEPB
Examinadora

DANÇA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: a composição coreográfica em foco

MENEZES, Hevelyne de Melo.

RESUMO

Este trabalho caracteriza-se como um artigo, do tipo relato de experiência, que tem como objetivo descrever e analisar o trato do conteúdo ‘composição coreográfica’, considerando a vivência na extensão universitária junto ao Projeto *Universidade em Dança* do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba em Campina Grande-PB, durante o semestre 2011.2. A construção deste artigo baseou-se no diário de campo contendo o registro das aulas, fotos do processo de criação coreográfica, dos ensaios e a apresentação ao público na abertura de um evento deste departamento. Inspirada em Costa (2004), que afirma que a composição coreográfica é um processo coletivo e dialógico, em construção, onde as experiências corporais de todos os envolvidos nesse processo (coordenação, alunos extensionistas, participantes), seja com a dança ou a partir dos seus movimentos adquiridos ao longo da vida, interferiram na criação. O suporte pedagógico permitiu o desencadear da criação iniciando-se com a valorização da capacidade criativa dos participantes do projeto aliado ao aprendizado da dança por meio dos conteúdos programáticos propostos para o período em que se manteve ativo à este trabalho. No que se refere à formação pessoal, a vivência na extensão possibilitou o exercício de uma atuação profissional referindo-se, especialmente, ao trato pedagógico do conteúdo composição coreográfica, numa dimensão reflexiva sobre a dança e seus desdobramentos nos mais variados campos de ensino.

Palavras-chave: Extensão universitária. Dança. Composição Coreográfica.

1 - A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E O PROJETO UNIVERSIDADE EM DANÇA

Em 1987, foi criado o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras que, por sua vez, compreende a Extensão Universitária como processo educativo, cultural e científico. Dimensão que articula, indissociavelmente, ensino e pesquisa, e ainda viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. Para tais pró-reitores, *a Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis (transformação) de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento.*

Essa dinâmica que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, materializa-se então à produção do conhecimento. Segundo o referido Fórum, esta produção “resulta do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade.” Segue ainda, a extensão é instrumentalizadora do processo dialético de teoria/prática - troca de saberes - onde a mesma é um trabalho interdisciplinar que possibilita a visão ampliada e integral do social. (FÓRUM NACIONAL, 1987)

Através do conceito de extensão universitária exposto pelo Fórum Nacional, entendemos que ela se refere à produção de conhecimento que se materializa no encontro de pessoas e seus saberes dentro ou fora da universidade. A extensão, aliada ao ensino e a pesquisa, se auto-alimentam e promovem uma formação ampliada e uma acessibilidade ao conhecimento para todos os participantes de sua realização (comunidade acadêmica e sociedade). A mesma entende que o fornecimento de uma visão voltada ao social permite a distribuição de saberes que se condensam à medida em que suas ideias acadêmicas fundem-se com o desenvolvimento das ideias populares, dando espaço à aplicação do processo dialético da teoria/prática.

De acordo com Corrêa (2007), as pretensões das ações universitárias representadas por projetos de extensão nas universidades têm uma produção de conhecimento que se revelam por meio de processos educativos, cultural e científico que se articulam com o ensino e a pesquisa de forma indissociável, viabilizando, assim, a relação transformadora entre universidade e sociedade.

Quanto ao papel da extensão, em sua análise histórica, Serrano (2011) nos apresenta alguns movimentos expressivos da extensão universitária de sua conceituação e prática, sendo a transmissão vertical do conhecimento um deles. Nesse movimento, o conhecimento é transmitido e não construído pelos participantes da ação, tornando-se uma transmissão verticalizada onde há uma superioridade e messianismo de quem estende, que escolhe o que transmitir, como transmitir e que desconhece a visão de mundo dos que vão receber, e que estes passam a ser sujeitos passivos no processo.

Porém, apoiada em Freire (2006;22), a autora concorda quando o autor defende a ideia de que *este termo* (transmissão vertical do conhecimento) *envolve ações que, transformando o homem em quase “coisa” o negam como um ser de transformação do mundo.* A autora questiona-se sobre o ato de conhecer e o papel do educador; afirmando que o conhecimento só se materializa como tal na medida em que for apreendido e aplicado à realidade concreta. Assim, a autora destaca que ao desconhecer a cultura da população a quem se destina, a extensão torna-se antidialógica e manipuladora, portanto se apoia em Freire (2006) quando o mesmo nos propõe a quebra da verticalidade “coisificadora” onde um ator é sujeito e o outro objeto, para uma relação onde todos possam ser sujeitos atuantes, que agem e pensam criticamente.

Dessa forma, num diálogo com os dois autores, entendemos ser a extensão universitária um meio difusor da produção de conhecimento, sendo que esta produção não deve desmerecer o conhecimento de quem transmite com os de quem o recebe, pois sendo a Universidade uma instituição instrumentalizadora do processo dialético teoria/prática que problematiza de forma interdisciplinar, permite a possibilidade de uma visão ampla e integrada da realidade social, defendida pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras em 1987. Assim na relação universidade/sociedade os participantes não trocam de papéis ou perdem sua identidade, mas devem gerar mudanças, transcender, pois a Universidade e comunidade não serão as mesmas depois da extensão.

Apropriando-nos de Serrano (2011), apud Nogueira (2001;67) quando afirma que a criação do Fórum Nacional se deu a partir de ideias consensuais, que podem ser apreendidas como conclusões dos documentos dos encontros regionais, dentre elas estão, por exemplo, *a necessidade de financiamento da Extensão como responsabilidade governamental*. A essa ideia, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) são os vários exemplos. Em 2011, a política institucional universitária lançou o edital PROAPEX 01/2011, onde os projetos de extensão poderiam concorrer ao valor de até R\$ 5.000,00.

De acordo com a Coordenação de Extensão do Departamento de Educação Física da referida instituição, no ano de 2013 possui 02 programas e 19 projetos de extensão, sendo todos cadastrados junto a Pró-Reitoria de Extensão – PROEXT. Na temática Cultura, com base no evento ‘VII Semana de Extensão da UEPB’, em 2012, este departamento possuía três projetos situados no campo da cultura. Dentre eles, o *Projeto Universidade em Dança* pertencente ao Grupo de Pesquisa e Extensão ‘Corpo, Educação e Linguagem’ - CEL.

A partir da minha inserção ao corpo discente da UEPB tive uma primeira experiência em projetos de extensão quando participei como aluna extensionista/bolsista num outro projeto também ligado ao Grupo de Pesquisa e Extensão Corpo, Educação e Movimento – GCEM, atual CEL, e que tinha sua linha também no campo da cultura, o *Projeto Cine Esporte Clube* – CEC, ambos pertencentes à esta instituição. Tal projeto é voltado na formação de plateia crítica em relação aos produtos audiovisuais veiculados pela mídia nacional e internacional, de modo a movimentar o corpo docente e discente, em especial aos alunos de Educação Física desta instituição, para que obtenham uma formação inicial não só vivenciada em sala de aula, mas também no acesso à cultura cinematográfica significativa de modo que o meio acadêmico possa estabelecer espaços de convivências harmônica e prazerosa.

Em meio a ações desenvolvidas no *Cine Esporte Clube* – CEC -, tive as primeiras experiências do quanto o trabalho da extensão está voltado ao social, sem descarte da experiência de todos participantes, pois num dos eventos realizados pelo CEC ministramos uma oficina de vídeo numa escola de pública municipal, em Campina Grande-PB, onde dentro do conhecimento dos participantes do projeto (coordenação, alunos extensionistas, alunos da escola) e utilizando equipamentos audiovisuais do LAMIC (*Laboratório de Mídia, Imagem e Cultura*) vinculado ao CEL, produzimos, em forma de clipe, uma montagem audiovisual que relatou as experiências e conhecimentos adquiridos pelos alunos da escola a partir dos conteúdos programados para o desenvolvimento da oficina.

Considerando que o *Cine Esporte Clube* se direciona à divulgação de mídias audiovisuais nacional e internacional, bem como, por meio de oficinas, propagar o entendimento de seu processo de construção, através da ação desenvolvida da extensão identifiquei que seu resultado se satisfaz positivamente quando partiu de uma construção coletiva do conhecimento por meio da montagem realizada. Não quer dizer

que apenas nesta ação o projeto *Cine Esporte Clube* se mostrou numa perspectiva de construção coletiva do conhecimento, pois como projeto de linha extensionista, tinha suas ações voltadas à valorização do conhecimento e aprendizagem de todos participantes. Mas foi neste momento da ação do projeto que pude melhor identificar o processo troca de saberes defendida pela extensão.

Na condição de extensionista/bolsista do CEC, porém vislumbrada com a ideia de um projeto voltado à área da dança na graduação, logo me engajei primeiramente como aluna do *Universidade em Dança*, no período de 2010.1. Dentre o repertório de danças de salão existentes, estudamos estilos como o forró, samba, bolero, bem como, técnicas de alongamento, flexibilidade e relaxamento. Nesse momento, conheci outra forma de vivenciar a dança de salão, especificamente, pois seus diferentes estilos integravam os conteúdos propostos durante este período.

Este período, quando participante do projeto *Universidade em Dança*, tendo como aluno extensionista Daniel de Oliveira, apresentou um momento de aprendizado que contribuiu para resignificar meu conhecimento e vivenciar possibilidades de ensino importantes à estudante do curso de Educação Física, do 6º período, que despertava para esta área como campo de intervenção profissional. Atenta as aulas na fundamentação e aplicação de conteúdos, imaginava desdobramentos em outras possíveis aulas.

Em seguida, no período de 2011.2, fui selecionada como aluna extensionista, na condição de bolsista, juntamente com mais dois alunos extensionistas voluntários. Este viria ser o período que tive um estudo mais aprofundado dos conteúdos definidos por Marques (2003) de *textos e contextos*, como também, os eixos teóricos do Projeto, fundamentados em Costa (2004), que foram de suma importância para o planejamento e execução das aulas. Tais autoras foram as interlocutoras principais que possibilitaram uma compreensão de dança ampliada: com suporte teórico-prático e suas incursões no âmbito da sociedade, estética, histórico-cultural, etc., fazendo com que só aumentasse meu encanto pela área.

Antes mesmo da entrada na universidade, tive a oportunidade, ainda no ensino médio, de vivenciar um trabalho ligado a outro estilo de dança: o hip-hop. Durante essa experiência, percebi que os movimentos eram executados como mera reprodução de sequências de movimentos já criados que eram identificados em pesquisas realizadas em *sites*, com base nos *vídeos-clipes* de artistas que se encontravam em ascensão nas mídias e que tinham músicas (e coreografias) voltadas para este estilo. Por meio dessas pesquisas, escolhíamos um movimento (ou sequências deles) de diferentes *vídeos-clipes*, tentávamos executá-lo até realizá-lo da mesma forma como mostrava o vídeo, mas destaco que também procuramos ousar, e criamos algumas sequências de movimento num momento noutro. No desenvolvimento desse trabalho não havia estudo fundamentado nas referências aos conteúdos da dança quanto aos seus textos e contextos, como também no trato do conteúdo de composição coreográfica, explicando, talvez, a diferença observada no que diz respeito à forma de aprendizado onde não havia metodologia de ensino que pudesse dar suporte pedagógico na construção da coreografia.

Assim, aos poucos, construíamos a coreografia, que depois eram transmitidas aos demais participantes. Apresentamos o trabalho desenvolvido num Festival Colegial de Campina Grande, promovido, na época, pelo Teatro Municipal Severino Cabral, em Campina Grande – PB, no ano de 2006. Essa experiência serviu de ponto de partida à minha trajetória no universo dançante, mesmo ocorrendo de maneira desprezível.

Retomando a experiência no projeto *Universidade em Dança*, ainda como aluna participante, percebi diferenças existentes nos estilos de dança que havia trabalhado (hip-hop) com os que estavam sendo operacionalizados nas aulas (danças de salão), tanto na forma de aprendizado, quanto no dançar. Tínhamos um embasamento teórico

das danças vivenciadas no que diz respeito ao aprendizado de seus conteúdos (contexto histórico-cultural e execução de movimentos). Dessa forma pode notar uma metodologia consistente aplicada ao ensino da dança no campo da técnica e da cultura.

Para o projeto de extensão *Universidade em Dança*, que desde 2005 vem buscando divulgar o conhecimento da dança entre os estudantes desta instituição, especialmente, e que tem sua área *Cultura* e linha temática *cultura e sociedade*, tal projeto, de acordo com o Fórum de Extensão, entende a dança como um campo de conhecimento construído historicamente que se manifesta como linguagem corporal. É pela gestualidade do corpo que se traduz, se compreende a escrita da dança. O texto que o corpo quer dançar, expressar e comunicar.

Dentre os objetivos do projeto *Universidade em Dança* destacam-se: 1. Democratizar e divulgar o conhecimento da dança entre a comunidade acadêmica e campinense proporcionando vivências com a dança que reflitam numa prática de formação cidadã de apreciação/contemplação da dança como experiência artístico-cultural; 2. Valorizar o potencial dos participantes para as atividades expressivas, com ou sem experiência anterior com a dança; 3. Promover experiências de ensino aos monitores envolvidos, contribuindo num processo que reflete o diálogo entre a prática pedagógica e o ensino da dança. Com tais objetivos, o projeto vislumbra-se numa formação de estudantes da UEPB e comunidades circunvizinhas que entendam a cultura e o lazer como dimensões do desenvolvimento humano.

Acompanhando o pensamento de Rocha (2000, p. 9), de que a extensão está vinculada *ao ato de difundir a cultura e a ciência, no contexto de outras finalidades, como a de promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação*, que estabelecemos como objetivo central deste artigo: descrever e analisar o trato do conteúdo ‘composição coreográfica’, considerando a vivência na extensão universitária junto ao *Projeto Universidade em Dança/DEF/UEPB*, realizada na cidade de Campina Grande-PB, durante o período 2011.2.

Apresentado o eixo central do artigo, distribuimos sua descrição partir das seguintes categorias temáticas: 1. Compreendendo composição coreográfica na dança; 2. Conteúdos: o saber dos alunos extensionistas como desencadeador para o Projeto Universidade em Dança; 3. A Inspiração e a Criação na Dança: Conhecendo o Processo

2 - DESCREVENDO E ANALISANDO A EXPERIÊNCIA: O TRATO DO CONTEÚDO COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

2.1 – Compreendendo Composição Coreográfica na Dança

Antes de operacionalizar aulas que tratassem deste conteúdo foi importante entender em que perspectiva o Projeto entende composição coreográfica. Fundamentamo-nos na tese de Costa (2004), em que composição coreográfica é um processo coletivo e dialógico, em construção, no qual todos – coreógrafos(as), bailarinos(as) e público – tornam-se autores dos textos coreográficos na dança.

O referencial teórico de Costa (2004) e Marques (2003) foram fundamentais na estruturação das aulas deste conteúdo. Em Marques (2003) apontamos os conteúdos da dança como *textos* e *contextos*, denominados desta forma:

Textos: repertório dançado - no âmbito educacional seriam todas aquelas proposições que trabalham com o aluno o mundo da dança, ou seus processos (a improvisação, a composição coreográfica, o próprio repertório). O trabalho com os textos possibilita uma prática e compreensão da dança em si;

Contextos: elementos históricos, culturais e sociais da dança como história, estética, apreciação e crítica, sociologia, antropologia, música, assim como saberes de anatomia, fisiologia e cinesiologia.

Seguindo com o plano de trabalho elaborado dos conteúdos pré-estabelecidos para 2011.2, a composição coreográfica seria o último conteúdo a ser abordado. Porém, os mesmos que o antecederam foram essenciais para a sua apropriação. A essa ideia esclareceremos melhor mais adiante.

Dialogando com as autoras, durante este processo de construção, apoiamos-nos em Costa (2004) que se refere à compreensão da composição coreográfica como um *texto*¹ aberto e dialógico, em construção, escrito pelo corpo e no corpo, num processo coletivo. A autora remete-se aos filósofos: apud, Ricoeur, 1976, para discutir a apropriação do sentido, e em apud, Arendt, 1999, para refletir sobre a possibilidade da existência do indivíduo somente a partir do outro. Trazendo para a nossa reflexão, as experiências e saberes, vivenciados na dança ou não, de todos os envolvidos no processo (coordenadora do Projeto, alunos extensionistas e estudantes da UEPB²) estão entrelaçados e tornam-se significativos para a apropriação da composição coreográfica.

Costa (2004) traz um olhar para o campo da dança e compreende que o texto coreográfico não é uma apropriação artística somente do coreógrafo, mas também do bailarino(a), do grupo de dança da qual faz parte, e do público. A autora lança sua compreensão sobre composição coreográfica como sendo uma criação no compartilhar de mundos vividos de coreógrafos/professores, bailarinos/alunos e público; cada um deles, através de sua historicidade, participa da construção deste texto a partir de suas impressões sobre a narrativa do espetáculo, as técnicas de movimento e atribuições de cores, luzes, figurinos, maquiagem. Portanto, podemos dizer que a escrita do texto coreográfico existe à medida que o corpo a torna possível, havendo ao mesmo tempo o corpo do outro para dançar com ele ou apreciá-lo dançando (COSTA, 2004).

Seguindo esse entendimento sobre o processo criativo do texto coreográfico, e de acordo com os conteúdos desenvolvidos no projeto *Universidade em Dança*, o processo de composição coreográfica se destrinchou a partir dos conteúdos trabalhados atrelados a essas fundamentações teóricas citadas. Entendemos, dessa forma, que o processo coreográfico foi coletivo por ser fundamentando, como explicita Costa (2004), na relação intersubjetiva entre coordenação e alunos extensionistas, alunos(as) e público na concretização e apreciação do movimento corporal. De acordo com a autora, esta intersubjetividade significa o encontro da historicidade, do mundo vivido de cada um dos envolvidos na composição dos movimentos.

No campo do diálogo, trazendo a ideia de Costa (2004) para o processo coreográfico do *Projeto Universidade em Dança*, destacamos que o mesmo concretizou-se no diálogo entre coordenação, alunos extensionistas e alunos(as) participantes sobre a temática da coreografia, a intencionalidade do movimento, a relação com o outro, etc. Esses elementos foram entrelaçados ao diálogo entre técnicas de movimentos (diferentes) para que a composição acontecesse. Seguindo este raciocínio, para a autora, o *público* faz parte deste processo de criação a partir de suas apreciações, interpretações. Assim, tal processo concretizou-se quando a dança foi compartilhada ao público na abertura do evento *V Mostra Científica* do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba na cidade de Campina Grande.

¹ Trazendo a ideia de Costa (2006) de composição coreográfica, nos apropriaremos do termo *texto coreográfico* para explicar as etapas da construção desse trabalho;

² Ressaltamos que o público-alvo do projeto *Universidade em Dança* são estudantes da UEPB e demais instituições de ensino bem como a comunidade circunvizinha, porém durante o período de inscrições ao projeto identificamos uma procura maior apenas do corpo discente desta instituição.

Porém, no instante da abertura deste evento, o processo de composição coreográfica ainda acontecia, pois a apreciação do texto coreográfico pelo público o torna também participante do processo, considerando que a dança é uma obra aberta e tendo o compartilhar de apreciações desse público, além de diálogos que estão entrelaçados por suas experiências, formando os fatores que possibilitaram a construção coletiva da coreografia.

2.2. Conteúdos: o saber dos alunos extensionistas como desencadeador para o Projeto Universidade em Dança

Cada um dos alunos extensionistas (bolsista e/ou voluntários) traziam consigo uma experiência singular com a dança nos mais variados estilos, tais como: balé clássico, dança contemporânea, dança de salão e hip-hop. Esses saberes sobre a dança foram valorizados pelo projeto *Universidade em Dança* tendo sido orientado pela coordenadora para que partíssemos de nosso conhecimento da dança para iniciar nossa prática de ensino, bem como sobre a necessidade de entender o que nós, alunos extensionista, estávamos tratando no campo conceitual para em seguida desdobrar tal conceito numa experiência de ensino, no caso a dança, mais especificamente a composição coreográfica.

Tal orientação tem essencialmente um sentido pedagógico para o ensino da dança ao descentralizar o conhecimento do professor e partir do conhecimento do aluno pensar sua prática. Ao mesmo tempo, numa ação de extensão, em que os alunos extensionistas são do curso de licenciatura em Educação Física, as orientações com indicações de leituras davam suporte para elaboração e execução das aulas, incluindo aos poucos articulações com outros conteúdos da dança, considerando que ainda não tínhamos cursado o componente curricular Dança.

Para os conteúdos que abordamos nas aulas, partindo de nossas experiências, fazemos ressalva a Fiamoncini e Saraiva (1998), quando apontam os possíveis focos de sistematização do ensino à dança. Apropriando-se da ideia dos autores, em nossas aulas elegemos como conteúdos:

1. Danças de salão (bolero, samba, soltinho e forró), suas configurações, técnicas. Com elas foram apresentadas aulas sobre suas origens e características regionais, como é o caso das danças de salão, e, principalmente, suas formas de serem expostas nos palcos e salões;
2. Dança e Sociedade - Estudo de movimentos da dança em diferentes décadas (60, 70, 80, 90) e sua relação com a sociedade;
3. Técnicas corporais como as de alongamento, flexibilidade e relaxamento, e ainda com algumas técnicas de improvisação. Para Haselbach (1988), improvisação significa dar uma forma criativa, espontânea ao movimento; é realizar algo, a partir de determinada situação ou condição, sem um pré-planejamento; é ainda lidar com as dificuldades trazidas pelo tema, grupo, objeto ou música, tornando-se então o início de uma mudança individual ou composição concreta.

A partir dos conteúdos propostos, procuramos disponibilizar vivências com a dança que refletissem numa prática de formação cidadã de sua apreciação e contemplação como experiência cultural, baseando-se principalmente no aprendizado de conteúdos pré-estabelecidos, acima citados. Assim sendo, o *Universidade em Dança* traduz-se no tratamento com a mesma de maneira a se revelar para além do

conhecimento técnico de modalidades que se estuda, abrangendo a formação profissional, buscando o vivido dos alunos, para que a construção de saberes se dê a partir da sua realidade, seja com a dança ou a partir dos seus movimentos adquiridos ao longo da vida.

Seguindo as orientações discutidas, ministramos nossas aulas colocando em prática as ideias desenvolvidas durante este processo, a fim de operacionalizar em conjunto (coordenadora, alunos extensionistas e alunos participantes do projeto), de modo prático, a construção da composição coreográfica. Para tanto, desenvolvemos uma metodologia de aulas, que foram estruturadas em três momentos, realizados nessa sequência:

a) no primeiro, desenvolvemos exercícios de alongamento visando à preparação do corpo em diferentes aspectos muscular, de percepção e do domínio do movimento, buscando uma retomada da consciência corporal de cada aluno participante para si mesmo;

b) no segundo, buscamos explorar repertórios pré-determinados de dança como bolero, samba, forró, trabalhando em diversas figuras/formações;

c) no terceiro, criamos um espaço para discussões sobre a vivência em diferentes aspectos, como a história da dança, os ritmos trabalhados, o processo de composição coreográfica, dentre outros.

A base das aulas realizadas com essa estrutura, bem como sua fundamentação teórica e orientações da coordenadora do projeto *Universidade em Dança*, nos possibilitou estabelecer um melhor direcionamento quanto aos objetivos das aulas e a metodologia pertinente. Assim o enfoque do projeto se baseia, principalmente, no aprendizado não somente de repertórios da dança, tendo como base os diferentes estilos, mas também de outros aspectos que constituem o aprendizado na dança, como: fatores de movimento (em Laban), ritmo e música, fundamentos históricos e sócio-culturais da dança. Para o Projeto *Universidade em Dança* o aprendizado da dança não se dá somente no domínio da execução de gestos específicos, mas de forma ampliada, multifacetada aprender a dança na gestualidade, na historicidade, na cultura e nas relações sociais consigo e com o outro.



Iconografia 1



Iconografia 2

Iconografia 1 e 2: Arquivos CEL; Campina Grande – PB; Setembro de 2011.

Nas iconografias acima, a primeira retrata um dos momentos iniciais das aulas onde aplicamos algumas técnicas corporais citadas, como o alongamento. Na segunda

iconografia estamos no estudo das técnicas de movimentos de um dos repertórios estudados da dança de salão, o bolero.

Portanto, o relato do trabalho realizado pelo Projeto *Universidade em Dança*, mais especificamente no trato que se deu do conteúdo ‘composição coreográfica’, remete-se ao desenvolvimento efetuado no final de agosto ao início de dezembro do ano de 2011.2, tendo seus encontros realizados em dois dias da semana (segundas e quartas-feiras) no horário de 11:30 às 13:00 horas, na sala de dança do Departamento de Educação Física da UEPB na cidade de Campina Grande-PB. Para a orientação e preparo das aulas de cada semana, bem como avaliações de aulas ministradas, escolhemos as sextas-feiras de cada semana para a realização dessas observações. Posteriormente, em virtude do trato do conteúdo ‘composição coreográfica’, utilizamos este dia também como um dia a mais para criação e ensaios da coreografia. Essa experiência foi construída com a orientação da Profa. Elaine Costa, e dos alunos extensionistas voluntários: Anderson Pequeno e Isabeli Cavalcante. Durante a aplicação das aulas, utilizamos alguns recursos midiáticos como caixa de som, microsystem e câmera digital, cedidos pelo LAMIC (Laboratório de Mídia e Cultura); netbook, pen drive e cabo de saída de som, pertencentes a um dos alunos extesionistas.

É importante destacar que o saber trazido pelo aluno extensionista é ponto de partida, mas que se amplia mediante as orientações, leituras realizadas e a experiência de ensino da dança. Da mesma forma, o saber dos alunos participantes também foi considerado em alguns momentos no trato do conteúdo dança em diferentes tempos na sociedade (décadas de 60, 70, 80 e 90) e na composição coreográfica, por exemplo, sendo ampliados durante o processo de aprendizagem da dança.

2.3. A Inspiração e a Criação na Dança: Conhecendo o Processo

Como sugestão da coordenação do projeto, a organização do evento do Departamento de Educação Física nos convidou para fazer parte da apresentação cultural na abertura da *V Mostra Científica* do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande. A partir desse convite, incluímos ao nosso plano de trabalho o conteúdo ‘*composição coreográfica*’ a ser estudado e estruturado em nossas atividades com a finalidade de apresentar uma coreografia voltada à temática proposta do evento.

Divulgamos essa ideia entre os alunos participantes com a pretensão de contar com a participação de todos. Assim feito, começamos a pensar em que temática do evento íamos nos ater para nossos estudos. A partir do tema proposto da Mostra Científica, a coordenação do projeto apresentou o ‘*Esporte*’ como tema inspirador para o desencadear a criação do texto coreográfico na dança, iniciando assim o processo.

Tolocka e Verlengia (2006, p. 74), afirmam que *coreografia é a arte de conceber os movimentos e os passos que compõem determinada dança, utilizando uma variabilidade de experiências motoras em um determinado espaço e com base em diversos ritmos, sendo o figurino, a cenografia e a música itens fundamentais para sua composição.*

Fundamentando-nos também em Costa (2004) quando afirma que a composição coreográfica é um texto inscrito e trabalhado no e pelo corpo, que se elabora em sua experiência vivida. Sendo assim, a inscrição coreográfica é mais uma possível forma de olhar para as coisas; é uma inscrição plural que vem junto a uma atividade, ação múltipla em construção de relacionamento com o todo (a coreografia e suas partes: o outro, figurino, luz, cenário, maquiagem, técnica, linguagem, dramaturgia, poesia).

Apoiados na ideia das autoras, e através dessa concepção de movimentos gerados pelas aulas anteriormente ministradas e variabilidade de experiências motoras –

coordenadora do projeto, alunos participantes e alunos extensionistas – partimos para o trabalho da criação.

Através dos conteúdos pré-estabelecidos, nos apropriamos das ideias de etapas para a construção coreográfica, segundo Lobo e Navas (2003). Ressaltamos que essas etapas não são estanques, lineares, que devem ser seguidas uma após a outra. Em um momento ou noutro mais de uma etapa estava sendo realizada ao mesmo tempo, como por exemplo, a criação das frases de movimento e os primeiros rabiscos do figurino.

Temos, portanto, a construção nas seguintes etapas, por Lobos e Navas (2003): *Os estímulos iniciais; A investigação e a pesquisa coreográfica; A seleção de imagens em movimento, iniciando-se a construção de frases; A estruturação coreográfica, na qual se organizam as frases, selecionadas nos componentes de movimento, propostos no vértice do movimento estruturado; A repetição, a limpeza e refinamento do corpo cênico do aluno-dançarino que neste momento deve apropriar-se da composição, interpretando-a com personalidade e intenção.* Torna-se relevante destacar nessa última etapa que as autoras abordam suas compreensões voltadas para coreógrafos e bailarinos, porém, assim como Costa (2004), assumiremos a discussão voltada para o aluno/dançarino e/ou professor/coreógrafo.

Apresentadas as etapas, destacamos a ideia das autoras ao afirmarem:

O processo de uma criação coreográfica passa por momentos distintos, que, didaticamente organizados, podem ser estruturados em 8 fases, sendo que a ordem não deverá ser igualmente a mesma para todos os criadores, que podem excluir um ou outro passo, em função de seus objetivos e tendências estéticas nas quais seus trabalhos possam estar incluídos (LOBO & NAVAS, 2003, p. 206).

Portanto, em nosso trabalho, não utilizamos todas as etapas apontadas pelas autoras, mas sim aquelas que conseguimos identificar na composição coreográfica desse estudo. Porém, o nosso estudo apresenta mais uma etapa que não foi citada pelas autoras, mas inspiradas em Costa (2004), compreendemos que a **Apresentação do texto coreográfico ao público** também faz parte do processo de composição coreográfica, pois reforçando a primeira categoria ‘*Compreendendo Composição Coreográfica na Dança*’, onde discutimos que a apresentação do texto coreográfico ainda é processo de criação na dança, constamos que a apreciação do público aponta diferentes significados e interpretações, por ser uma obra aberta e, ao mesmo tempo, revela a plateia como parte integrante deste processo, logo ela também é sujeito/autor da obra.

Segue as etapas, por Lobos & Navas(2003) e Costa (2004):

2.3.1. Estímulos iniciais:

Numa de nossas reuniões semanais, a coordenadora do projeto *Universidade em Dança* nos comunicou o convite feito pelo DEF/UEPB para participarmos da apresentação cultural de abertura do evento realizado pelo próprio Departamento. O evento intitulado *V Mostra Científica* do Departamento de Educação Física (UEPB), em Campina Grande, teve como tema: “*Educação Física, Esporte e Cidade: desafios locais para o desenvolvimento regional*”. Este evento foi realizado nos dias 30 de novembro, 01 e 02 de dezembro do ano de 2011 no Auditório de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande - PB. A inspiração artística (ideia inicial) deu-se então a partir da temática central do evento sugerida pela coordenação do projeto: *o esporte*.

Paralelamente surge a necessidade de transcrever, numa ordem sequencial e pedagógica, os movimentos apreendidos e trabalhados durante as aulas. Através de reuniões realizadas pela coordenação do projeto com os alunos extensionistas, iniciamos discussões do que poderíamos propor aos alunos participantes, em termos de repertórios

de dança, considerando os conteúdos trabalhados a serem incorporados à elaboração do texto coreográfico, bem como às pesquisas do repertório musical.

Informamos aos participantes do projeto o convite feito e lançamos a ideia de uma composição coreográfica, com pretensão de contar com a participação de todos, obtendo a confiabilidade e o comprometimento dos mesmos. Assim, em conjunto (alunos extensionistas e alunos participantes do projeto), demos início às nossas pesquisas coreográficas a partir das orientações da coordenação;

2.3.2. Investigação e a pesquisa coreográfica:

Como primeiro desafio, tivemos as pesquisas das músicas. Recorremos então, aos *sites* de músicas e rádios, como Terra e Radio UOL. Dentre as pesquisadas, escolhemos quatro para estudo, juntamente com a coordenadora do projeto. Foram elas: ZAGUEIRO, Composição/Ano: Jorge Ben Jor (1975), Intérprete: Jorge Ben Jor; *AQUELE GOL*, Composição: Wilson Simoninha e Bernardo Vilhena, Intérprete: Wilson Simoninha, (Ano não encontrado); *12º JOGADOR*, Composição: Jair Oliveira, Intérprete: Jair Oliveira, (Ano não encontrado); *AQUI É O PAÍS DO FUTEBOL*, Composição/Ano: Milton Nascimento e Fernando Brant (1970), Intérprete: Wilson Simonal. Procuramos pesquisar e apresentar músicas que não estavam em ascensão na grande mídia, com pretensão de ampliar o conhecimento musical dos alunos para além de referências da indústria musical que se volta ao gosto da cultura de massa. Ressaltamos que, apesar da temática ter cunho abrangente - *esporte* -, tivemos dificuldades para encontrar músicas que falassem dos esportes de modo geral, encontrando apenas as que remetiam a um dos vários desportos que contemplam o esporte, no caso o futebol, explicando o fato de termos elegido músicas que se tratavam apenas nesse desporto.

Em reunião, coordenação e alunos extensionistas, as músicas foram ouvidas inúmeras vezes. Em cada apreciação da música discutimos sobre a movimentação possível, o tempo de execução, o gênero musical com os repertórios trabalhados em sala de aula, a letra da música, a temporalidade da composição, dentre outros. Portanto, a música "*Aqui é o país do futebol*" foi escolhida considerando tais aspectos.

2.3.3. A seleção de imagens em movimento, iniciando-se a construção de frases:

Consistiu na seleção de movimentos retomando ritmos estudados em aulas anteriores, dando início à junção de pequenas sequências de movimentos. Buscamos elementos do samba e forró e mostramos aos alunos participantes uma pequena sequência que envolvia passos desses ritmos estudados, procurando ampliar o olhar dos mesmos no que se refere à dança, apresentando possibilidades de junções a diferentes ritmos dançados numa mesma música.

2.3.4. A estruturação coreográfica, na qual se organizam as frases, selecionadas nos componentes de movimento, propostos no vértice do movimento estruturado;

Nessa etapa, a estruturação do texto coreográfico foi se organizando em sequências de movimento, buscando o entrelaçamento entre ritmo e música, gestualidade de movimentos esportivos e próprios dos alunos participantes, organização espacial, e intencionalidade dos fatores de movimento em Laban (tempo, espaço, peso e fluência). Tais componentes possibilitaram o conjunto dessas frases que foram estruturadas a darem forma à narrativa da dança.

A partir das modalidades de dança (forró e samba) utilizamos também o ritmo do soltinho e movimentos característicos dos anos 80, 90 e ano 2000 estudados em aulas passadas, ampliando ainda mais o horizonte de possibilidades de junções de movimentos. Desenvolvemos sequências de movimentos utilizando também outros

possíveis conteúdos da dança, como técnicas de improvisação a partir das ideias de Barbara Haselback (1988), discutida anteriormente nesse estudo.

Aos poucos, íamos construindo nossa coreografia, gerando pequenas sequências de movimentos que foram atribuídas em cada verso musical, passados previamente por discussões e análises a cada sequência criada. No entanto, é importante reforçar que na criação coreográfica o movimento estruturado também envolve a concepção de outros componentes do movimento, como por exemplo, o figurino. A coordenadora do projeto se responsabilizou quanto à escolha do tecido, desenho do figurino e seus adereços. Assim, o mesmo começou a ser delineado a partir do tecido tipo malha fio algodão, cor bege, característico do algodão colorido da Paraíba. O figurino das alunas foi uma saia corte godê na altura do joelho e blusa com um broche de rosa (cada aluna com uma cor diferente), sapatilha cor bege, maquiagem tons terra para os olhos e avermelhados para os lábios, cabelos presos tipo ‘rabo de cavalo’. Aos alunos foi criado um figurino calça tipo pantalone, com elástico na cintura, camiseta de malha em quatro cores distintas (verde, azul, laranja e vermelho), sapatilha cor bege e um colete na mesma cor da calça. A diversidade de cores dos broches de rosa e das camisetas representou a etnia cultural brasileira e ao mesmo tempo do esporte presentes nas representações de clubes.

Tais componentes descritos também compõem a linguagem da dança. Por isso, enfatizamos que a composição coreográfica não é uma mera junção de movimentos num determinado ritmo. Ela deve ser ampliada numa discussão já tratada nesse artigo.

2.3.5. A repetição, a limpeza e refinamento do corpo cênico do aluno-dançarino que neste momento deve apropriar-se da composição, interpretando-a com personalidade e intenção:

Como já foi dito anteriormente, esses momentos de criação coreográfica não são estanques, desarticulados. Algo que acompanha a técnica do movimento da estrutura coreográfica é a intencionalidade. Durante todo o processo de criação é muito comum que o professor/coreógrafo aponte a intencionalidade do movimento. Porém, é muito comum também que quando “finalizada” todas as sequências de movimento que compõem o texto coreográfico, as aulas se transformem em ensaios. No caso do nosso trabalho não foi diferente, pois foi nesse instante em que a limpeza e o refinamento da gestualidade do corpo entraram em o foco.

Trazendo Costa (2004) para a discussão, é a repetição significativa que possibilita a apropriação do movimento nas dimensões técnica e de intencionalidade. Para a autora, essa repetição não deve ser entendida como mera reprodução de movimento, pois traz em si sentido/significado que compõem a linguagem da dança. Embora haja alguns embates teóricos sobre o uso do termo “limpeza” na dança, esse termo é bastante comum e caracteriza-se pela necessidade de tornar o movimento limpo, considerando evitar barulhos nas quedas durante os saltos, posicionamento corretos de braços, pernas, olhares, tempos, uso dos espaços, formação dos desenhos coreográficos, etc. Como consequência, há um refinamento do corpo quanto ao movimento e sua intencionalidade.

Os ensaios inicialmente eram realizados no final das aulas regulares. Posteriormente, as aulas tornaram-se ensaios devido à necessidade de apropriação da coreografia, bem como outro dia na semana, a sexta-feira, como mais um dia de ensaio. Importante mencionar também que no dia da apresentação da coreografia todos os envolvidos no projeto prepararam o local da cena: colocamos e limpamos os linóleos no piso, fizemos as chamadas marcações de palco, verificamos som e o retorno do áudio, passamos uma vez sem figurino e outra com figurino na tentativa de identificar alguns problemas na hora da execução. Ao final, um grupo permaneceu até o final da cerimônia da abertura para retirar e guardar os linóleos, fechar e entregar a chave da sala

disponibilizada para os alunos/dançarinos do *Universidade em Dança*. O projeto entende que todas essas etapas descritas até a preparação do local antes da apresentação e depois, quando entregaram a chave da sala que foi disponível aos alunos dançarinos, ainda fazem parte do processo coreográfico, pois são etapas que se caracterizam como contribuintes da composição.

Esse acontecimento junto ao Projeto *Universidade em Dança* permitiu que todos os participantes tivessem ou ampliassem suas experiências de vida. Como trata Costa (2004), a dança possibilita outras formas de vida que independem de aspectos sócio-econômicos, culturais, civis, etc. Tal vivência do projeto corroborado com a autora e a dança com o outro, não teve como critério as crenças religiosas, condições financeiras e/ou estado civil, curso da área de saúde, tecnológica e outros.

2.3.6. Apresentação do texto coreográfico ao público:

Discutimos anteriormente, apoiados nas ideias de Costa (2004), que o público também é sujeito participante da composição coreográfica, pois é ele que, a partir de seus saberes, irão atribuir apreciações distintas e/ou semelhantes sobre a dança apresentada. Por isso que para a autora o processo de composição, no momento da apresentação ao público, ainda está em construção, e torna-se aberta às apreciações.



Iconografia 3; Arquivos CEL; Campina Grande – PB; Dezembro de 2011.

Acima, as alunas dançarinas momentos antes da apresentação.

Para os alunos extensionistas, alunos/dançarinos e coordenadora foi um momento emblemático significando o compartilhar de seus ensinamentos/aprendizados para os colegas de turma e de curso, amigos, familiares e professores. É o instante em que a cena da dança agrega e dá sentido aos elementos coreográficos: o movimento, o figurino, maquiagem, a música, a plateia. Os aspectos de iluminação e cenário não foram contemplados nessa composição coreográfica pelo objetivo do *Universidade em Dança* está centrado na democratização, embora seja de entendimento que tais aspectos são parte da cena da dança em se tratando da dimensão artística.

Algo a se destacar foi a leitura realizada pelos alunos-dançarinos, alunos extensionistas, coordenação do projeto e público, que após a apresentação tornou-se mais atenta e rica quanto às possibilidades de criação de movimentos, bem como a participação de todos durante o estudo do texto coreográfico, visto que o entendimento de cada participante ajudou direta ou indiretamente na produção desse estudo.

A atribuição de significados – troca de experiências e mundos vividos - que a plateia transmite nos fez entender que a construção de todo o processo coreográfico se revela e começa a ser construído a partir de uma inspiração (ideia inicial) que precisa do outro para existir, ser materializada, portanto reforçamos a ideia da composição como

sendo coletiva e, ao mesmo tempo, dialógica entre as experiências vividas, música, movimentos, figurino e maquiagem. Sendo assim, a criação não é uma apropriação de um único participante, e sim de todos que se envolveram e se permitiram fazer a dança existir em si mesmo e no/com o outro.



Iconografia 4; Arquivos CEL; Campina Grande – PB; Dezembro de 2011.

Finalizando em Costa (2004), enfatizamos que a apresentação da composição coreográfica não se finalizou na sua obra apresentada. Como processo em construção, ela foi se criando e tomando forma a partir de cada etapa concluída e vivenciada, tendo o olhar singular do público que lhe assiste, lhe interpreta, atribui-lhe significados, sendo este olhar a etapa, temporariamente, final do processo, pois a cada nova apresentação do mesmo texto coreográfico outras percepções, provavelmente, iriam acontecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a finalização do artigo, no formato de relato de experiência, destacamos alguns eixos centrais. São eles:

Quanto a extensão universitária, ressaltamos o entendimento como processo educativo, cultural e científico que deve estar articulado com o ensino e a pesquisa, de forma a viabilizar a relação transformadora entre a universidade e sociedade. A vivência na extensão trouxe para a aluna extensionista/bolsista um aprendizado para além do ensino da dança e do trato ao conteúdo ‘composição coreográfica’, pois essa experiência valeu-se da relação professor/coordenador e aluna/extensionista/bolsista no exercício didático-pedagógico;

A ação extensionista do Projeto *Universidade em Dança* promoveu a democratização do conhecimento da dança ao mesmo tempo em que considerou também o conhecimento dos alunos participantes nesse processo. Todos nós nos transformamos de alguma maneira pela vivência na extensão e produção de conhecimento sobre a dança. O diálogo promovido pela extensão universitária nos dois âmbitos sociais citados favorece no processo dialógico de teoria/prática, possibilitando uma visão ampliada e integral. É muito comum que as ações extensionistas sejam desenvolvidas fora da universidade para um público externo, no entanto, o Projeto *Universidade em Dança*, em sua justificativa, ressalta a necessidade de ações de extensão para os estudantes dos cursos de graduação da UEPB considerando que parte significativa dos participantes permanece na instituição os dois turnos. Além disso, é de entendimento do projeto que a formação universitária não se restrinja ao conhecimento específico de sua área; os saberes artístico-culturais, por exemplo, são também relevantes para a formação do sujeito, pois a troca de conhecimentos, não somente acadêmicos com a comunidade mais o encontro com diferentes pessoas e culturas, podem contribuir num novo significado do cotidiano universitário;

A relevância de trabalhos desta natureza inicialmente torna a experiência da extensão em produção de conhecimento no campo da dança, no que se refere à composição coreográfica, bem como a prática pedagógica de ensino e aprendizagem na formação em Educação Física. A oportunidade de atuar na condição de aluna extensionista no *Universidade em Dança* refletiu no amadurecimento da mesma no âmbito pedagógico e de atuação profissional quanto ao trabalho planejado, executado e avaliado, e, posteriormente, no curso ao componente curricular ‘Dança’. Destacamos ainda as indicações e pesquisas sobre fundamentações teórica-metodológicas para as aulas que muito contribuíram neste processo;

Percebemos a apropriação do conhecimento da dança não somente na execução de movimentos, mas também nos aspectos históricos e sociais, a técnica e a criação e experimentação de outras formas de movimentar-se na dança numa perspectiva crítica e dialógica, pois nos faz observar um amadurecimento pedagógico dos alunos extensionistas no decorrer de toda experiência.

Assim, vislumbramos que esse artigo tenha contribuído na descrição e argumentação do trato da composição coreográfica, podendo dar sentido à outras experiências na dança, além de ter apontado caminhos possíveis para abordagem desse conteúdo, não somente aos professores que atuam no campo da dança, mas aos demais profissionais atuantes dessa modalidade. Da mesma forma que almejamos a apreciação do mesmo por uma revista/periódico de extensão visando sua publicação.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Edison José. (Org.). *Extensão Universitária: organização e sistematização* / Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Coordenação Nacional do FORPROEXT. - Belo Horizonte: Coopmed, 2007.;

COSTA, Elaine Melo de Brito. *O corpo e seus textos: o estético e o político na dança* / Elaine Melo de Brito Costa.—Campinas, SP: [s.n.], 2004.;

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação*. 13a Edição. São Paulo: Paz e Terra. 2006;

FIAMONCINI, Luciana; SARAIVA, Maria do Carmo; KUNZ, Elenor (Org.), *Didática da educação física 1* – Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1998. – 160 p. : il. – (Coleção educação física).;

MARQUES, Isabel. *Dançando na escola*. Cortez: São Paulo, 2003.;

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. *Extensão Universitária no Brasil: uma Revisão Conceitual*. In. FARIA, Doris Santos de (org). *Construção Conceitual da Extensão na America Latina*. Brasília. Editora UNB. 2001.

ROCHA. Ronai Pires da. *Um contexto para a extensão*. In Fórum De Extensão Universitária Da Acafe 1º. : 2000, 23-24, out., Tubarão, SC. Anais ... Tubarão, SC: ACAFE, 2000.;

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. *Conceito de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire, 2011*.

TOLOCKA, R. E., VERLENGIA, R. (Orgs.). *Dança e diversidade humana* / Campinas, SP: Papirus, 2006.;

HASELBACH, Bárbara. *Dança, Improvisação e Movimento: Expressão Corporal na Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988;

LOBO, LENORA. *Teatro do Movimento: Um método para um intérprete criador*/ Lenora Lobo e Cássia Navas – Brasília: LGE Editora, 2003.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

<http://www.literaturanaarquibancada.com>

<http://www.terra.com.br>

<http://www.radiouol.com.br>

<http://www.dicionariompb.com.br>

RESOLUÇÃO N. 06/2008/CONSU. **Políticas de Extensão da UNESCO**. Disponível em: http://www.unesc.net/portal/resources/71/arquivos/politicas_de_extensao.pdf